

A Semana Ilustrada: A Configuração Imagem e Texto em uma Revista Paraense do Final do Século XIX¹

Leonardo Santana dos Santos RODRIGUES²

Ana Luiza do Couto TEIXEIRA³

Netília Silva dos Anjos SEIXAS⁴

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Neste artigo, analisamos a configuração das revistas paraense *A Semana Ilustrada* (1887-1888) e *A Semana* (1889-1890), buscando mostrar como texto e imagem se relacionavam, em um contexto em que as técnicas de impressão limitavam os projetos gráficos. Consultamos 50 edições da revista *A Semana Ilustrada* e 16 d'*A Semana*, disponíveis no Museu da Universidade Federal do Pará. Tais publicações foram importantes para a imprensa paraense, tanto culturalmente quanto graficamente, aproximando-se das revistas ilustradas do restante do Brasil. O artigo é resultado do projeto de pesquisa *A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet*⁵.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa no Pará; Revista ilustrada; História da imprensa; Século XIX; Imagem.

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XIX, uma das maiores dificuldades da imprensa era integrar texto e imagem na mesma página, pois ambos eram impressos em processos distintos. As técnicas de reprodução mais comuns eram a tipografia, para os textos, e a litografia e a xilografia, para as imagens.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 6 a 8 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo e bolsista PIBIC da Universidade Federal do Pará (UFPA), Programa Especial de Apoio a Projetos de Pesquisa – Acervos da UFPA (PE-Acervos) Edital 04/2015. E-mail: leonardosarodrigues@gmail.com.

³ Estudante de Graduação, 3º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo e bolsista PIBIC da Universidade Federal do Pará (UFPA), Programa Especial de Apoio a Projetos de Pesquisa – Acervos da UFPA (PE-Acervos) Edital 04/2015. E-mail: ana.luiza.tx@gmail.com.

⁴ Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação, Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, coordenadora do projeto de pesquisa “A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet”. E-mail: netilia@uol.com.br.

⁵ O artigo é resultado do projeto de pesquisa *A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet*, desenvolvido na UFPA.

No Brasil, a impressão litográfica era predominante, a despeito de a xilogravura ter sido, “até os anos de 1880, o único processo de gravura compatível com a impressão a um só tempo de tipos e estampas na mesma página” (ANDRADE, 2009, p. 46). Havia poucos profissionais que dominassem a impressão xilográfica no país, o que fazia com que o uso dessa técnica fosse restrito. No entanto, essas dificuldades não impediram que se criasse uma imprensa ilustrada no Brasil.

Lançado em 1844, o jornal *A Lanterna Mágica* foi o primeiro dedicado especificamente às caricaturas, que logo ganhariam importância cultural por colocar em cena “imagens lúdicas e poderosas que sinalizaram os dramas locais, questionaram os desmandos, derrubaram governos, divulgaram conhecimento, divertiam o público, produziram conhecimento, enfeitaram o cotidiano” (MARTINS, 2011, p.530).

Nas próximas décadas, houve um crescimento significativo das revistas de caricatura, tendo como expoente as revistas *A Semana Ilustrada* (1860-1876) e *Ilustrada* (1876-1898), ambas do Rio de Janeiro, um dos principais polos da imprensa brasileira na época. Além de terem provocado mudanças no padrão gráfico e visual, essas publicações “encantaram leitores e traduziram o espírito de sua época com uma força que ainda se evidencia um século e meio depois” (CARDOSO, 2009, p.76).

Criada pelo ilustrador italiano Ângelo Agostini, que chegou ao Brasil em 1854, a *Revista Ilustrada* se destacou ainda por suas críticas políticas e pelo combate à escravidão e à monarquia.

Apesar de estampar continuamente temas do cotidiano da cidade – como a falta de água, as epidemias de febre amarela e os problemas decorrentes dos transportes, notadamente os bondes –, na revista há nítida supremacia dos temas associados, sobretudo, ao parlamento, ao poder executivo. E evidentemente a escolha desses temas, bem como o tratamento dispensado a elas, é determinado pelo interesse e pela política e pelo conhecimento que os leitores possuem desse assunto (BARBOSA, 2010, p.100).

Na imprensa paraense, a publicação de imagens levou tempo para se desenvolver, quando comparado ao Rio de Janeiro:

O texto sempre esteve presente na imprensa local, mas o mesmo não se pode dizer da imagem. Nos primeiros jornais do Pará não havia qualquer tipo de imagem, cujo uso aconteceu inicialmente nos anúncios, numa forma de ilustração, para, mais tarde, acompanhar as informações dadas no corpo da edição, também com a função de ilustrar. Com o passar do tempo, ilustrações e fotografias passaram a

exercer funções diversas, delineando e conquistando o seu próprio espaço. (SEIXAS, 2001, p.304)

Em Belém, a primeira oficina litográfica foi aberta na década de 1870, com a chegada de Hans Karl Wiegandt, natural de Colônia (região pertencente hoje à Alemanha). Isso possibilitou o surgimento das primeiras revistas de caricatura na capital paraense, como o periódico *A Semana Illustrada* (1887-1888), que, por razões políticas (SILVA; PAULA; SEIXAS, 2012, p. 10), passou a se chamar *A Semana* a partir do terceiro ano, até sair de circulação em 1890.

A precariedade das técnicas de impressão limitava a publicações de imagens e, conseqüentemente, seu potencial discursivo e informativo. “Instrumento de comunicação, divindade, a imagem assemelha-se ou confunde-se com o que representa. Visualmente imitadora, pode enganar o educar” (JOLY, 1996, p.19).

Mesmo diante dessas limitações, uma análise atenta das publicações da época nos revela os costumes e as práticas sociais locais. É sob essa perspectiva que analisamos a revista *A Semana Illustrada*, de Belém, procurando observar a relação entre texto e imagem.

A pesquisa se baseia na análise de 50 edições da primeira fase da revista e 16 edições da segunda fase, todas parte da Coleção Vicente Salles, disponíveis no Museu da Universidade Federal do Pará (UFPA) e em versão digitalizada.

A revista A Semana Illustrada

Uma questão metodológica que precisa, em primeiro momento, ser assinalada é o que consideramos neste trabalho como *imagem* e *texto*. A primeira possui vários significados, reunindo

diferentes categorias de signos: “imagens” no sentido teórico do termo (*signos icônicos*, analógicos), mas também *signos* plásticos (cores, formas, composição interna, textura) e a maior parte do tempo também *signos* linguísticos (linguagem verbal). (JOLY, 1996, p.38).

Neste contexto, consideramos imagem tudo aquilo que esteja ligado ao aspecto visual: ilustrações, desenhos, fotografia, figuras, charges, etc. Devido ao processo de impressão da revista, texto e imagens possuíam um espaço próprio de configuração rígida. O padrão usual d’*A Semana Illustrada* era: oito páginas, sendo a primeira, a

quarta, a quinta e a última dedicadas às ilustrações e as páginas 2, 3, 6 e 7, aos textos. Nos volumes 10 e 16, no entanto, há uma inversão: as ilustrações surgem nas páginas 6, 3, 2, 7, e os textos, nas páginas 1, 4, 5 e 8. Já no volume 18 há somente quatro páginas.

É possível que o processo de impressão da revista fosse o mesmo da *Semana Illustrada* (1860-1876), do Rio de Janeiro, descrito abaixo:

Tinha oito páginas impressas numa só folha: de um lado, a impressão era tipográfica e do outro, litográfica. Após receber duas dobras em cruz e ser refilada, a folha transformava-se num caderno *in quarto*, no qual as páginas 1 (a capa), 4 e 5 (páginas centrais, sem interrupção entre uma e outra, o que possibilitava imagens de maiores dimensões) e 8 (quarta capa) continham as ilustrações em litografia. As páginas 2, 3, 6 e 7, impressa pelo processo tipográfico, continham os textos. (ANDRADE, 2009, p.53).

A revista *A Semana Illustrada* foi lançada em 1887 por Crispim do Amaral, pernambucano que chegou ao Pará em 1876 (SILVA; PAULA; SEIXAS, 2012, p. 10). Era vendida a 200 réis e foi o periódico da imprensa paraense que mais se “aproximou da realidade nacional” (SILVA; PAULA; SEIXAS, 2012, p. 10). Além da compra do volume avulso, era possível fazer a assinatura do periódico, com preços diferenciados para o interior e a capital. Essas informações constavam no interior da revista até o volume 17 do ano I, a partir daí, passaram a compor o cabeçalho.

A composição do cabeçalho teve variações nos dois primeiros anos da revista. Os volumes 10, 16 e 18 do ano II usaram um cabeçalho diferente por apresentarem estrutura diferente da usual. A Figura 1 mostra o padrão adotado até o volume 17 do ano I, e a Figura 2 a composição utilizada a partir do volume 18 do ano I até o fim da primeira fase da revista.

Figura 1 – Revista A Semana Illustrada, 11/07/1887, ano I, p.1



Fonte: Museu da UFPA, Coleção Vicente Salles

Figura 2 – Revista A Semana Illustrada, 18/06/1888, ano II, p.1



Fonte: Museu da UFPA, Coleção Vicente Salles

Do terceiro ao quarto ano, já com o nome *A Semana*, na segunda fase da revista, à exceção do primeiro volume do terceiro ano, o cabeçalho é o mesmo durante os dois anos de circulação (Figura 3).

Figura 3 – Revista A Semana 10/03/1890, p.1, ano IV.



Fonte: – Museu da UFPA, Coleção Vicente Salles

De 1887 a 1888, a revista foi impressa na tipografia do Livro do Povo e na tipografia d'A Semana Illustrada. A partir do número 13 do ano I, é indicado no canto inferior da página 7 que a impressão muda para a tipografia d'A Semana Illustrada. A partir de 1889, passou a ser impressa na litografia e tipografia A. Campbell. O uso de

uma oficina litográfica mostra um avanço na impressão, já que essa técnica possibilitava a reprodução de imagens.

Durante o período de publicação da revista, seis jornais diários circulavam em Belém. São eles: *Diário do Gram-Pará* (1853-1892), *Diário de Belém* (1868-1892), *O Liberal do Pará* (1869-1889), *A Província do Pará* (1876-2001), *Diário de Notícias* (1880-1898) e *A República* (1889-?) (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). *A Semana* deixou de circular por oito meses entre o terceiro e o quarto ano de publicação. Sua volta mereceu menção em alguns desses jornais, fato destacado pela própria revista na edição de 3 de março de 1890: “Foi n’estes termos que os diversos colegas da imprensa paraense noticiaram o reaparecimento d’A semana”. Na sequência, aparecem declarações do *Diário do Gram-Pará*, *A República*, *A província do Pará* e *Diário de Notícias*.

Essas menções demonstram a importância que a revista tinha para a cidade, ao menos na imprensa local. Observamos também um “diálogo” entre *A Semana Illustrada* e outros periódicos de Belém, na forma de críticas, elogios e charges. A própria imprensa paraense e o modo como ela retratava os acontecimentos também era discutido na revista, tanto nos textos como nas ilustrações.

Figura 4 – Revista A Semana Illustrada 1/8/1887, p. 4 e 5, ano I



Fonte: Museu da UFPA, Acervo Vicente Salles

Além das caricaturas, a revista trazia ilustrações baseadas em fotografias e representações de acontecimentos reais, como na edição de 20 de maio de 1889, que contém a ilustração de um homicídio. A ilustração ocupa as páginas centrais, com amplo destaque. Na página sete, há um pequeno texto, retirado do jornal *A Província do Pará*, informando onde e quando o crime ocorreu, e quem foi o responsável, mas sem explicar o motivo. A revista limita-se a chamar as vítimas como “dous filhos do trabalho” e classifica o quadro como “horroroso”, um reconhecimento do impacto que a ilustração representando explicitamente um crime poderia causar.

Já naquela época a preocupação com a violência aparece com destaque, na publicação. Em duas edições seguidas (17 e 29 de março de 1890), a revista abre com um artigo chamado “Os vagabundos”, queixando-se da falta de ação da polícia no combate ao crime e à degradação dos espaços urbanos.

Póde o cidadão laborioso estar sujeito aos ataques brutaes da canalha das ruas, vadia, imoral, traiçoeira, assassina? Quasi todas as noites os cidadãos são espancados, conforme diz a parte da policial. Basta de condescendência com os *capangas*, que já chegaram a encontrar protetores até no tribunal superior! (REVISTA A SEMANA, 17/03/1890, p.2)

A passagem do regime monárquico para o republicano, e as convulsões que isso causou na sociedade, era outro tema que aparecia com frequência na revista em artigos ou sátiras. Na edição de 24 de fevereiro de 1890, a publicação questiona quais as mudanças que a República trouxe:

Ainda viviamos no regimen monarchico quando depuzemos a enferrujada (ahi váe modéstia!) penna, desejando, como bom e sincero patriota, que as coisas mudassem de face e que o povo brasileiro deixasse o collete de ferro, que o oprimia; hoje, ocupando de novo o nosso modesto logar (outra vez!), é justo saudemos a aurora republicana, que raiou no meio das mais ruidosas ovações, e indaguemos se a republica trouxe, realmente, a felicidade que almejávamos. O povo vive mais satisfeito? Acabou-se a influencia partidaria? Foram-se para bem longe os privilegios odiosos? [...] Ahi ficam-se as nossas interrogações, e o povo, que tudo observa, que responda conscienciosamente. (REVISTA A SEMANA, 24/02/1890, p.2)

A revista também deu bastante destaque ao movimento abolicionista, chegando a dedicar edições especiais a esse tema (vol 14 do ano I). Exatamente um ano após a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, *A Semana* traz na capa uma

homenagem aos jornais diários, que foram, segundo a revista, “verdadeiros heróis n’essa grande batalha”. Na página seguinte, há um artigo comemorando o fim da escravidão: “Faz hoje um anno que o escravo brasileiro, atirando para bem longe a aviltante corrente de ferro, sacudio ao mesmo tempo, para o meio de crepitante fogueira, o latego inflamante que lhe avergôava as carnes” (REVISTA A SEMANA, 13/05/1888, p.2).

Assim como outras revistas de caricatura, *A Semana Illustrada* e *A Semana* também tinham o seu próprio personagem-tipo, representado por uma mulher que carregava às costas uma pena em tamanho humano, em possível referência à imprensa e ao fato de a revista ser ilustrada. Entendemos personagem-tipo segundo Lustosa (2011), que define a construção desses personagens como “de rigor na produção satírica, em geral *alter ego* dos criadores, porta-voz constudentes de suas mensagens, figurações representativas de nações e épocas.” A personagem *A Semana* aparecia nas capas da revista e em charges, interagindo com as figuras ali mostradas e fazendo comentários.

Figura 6 – Revista *A Semana*, 27/5/1889, ano III, p. 1



Fonte: Museu da UFPA, Coleção Vicente Salles

Na edição do dia 3 de março de 1890, a charge que aparece nas páginas quatro e cinco traz uma sequência de quadros que termina com a personagem-tipo afiando o bico de sua pena. À primeira vista, essas ilustrações parecem não ter conexão umas com as outras, mas abaixo de cada uma delas há uma legenda, incompleta em muitos casos, que se conecta com a legenda e a ilustração seguintes, criando um efeito inusitado.

Lemos ha dias nos jornaes da terra uns telegrammas assustadores, em que se dizia que o srs. Ouro Preto e Silveira Martins preparavam uma conspiração, cuja musica estava sendo ensaiada por uns tantos *coristas*... Afinal, aquilo tudo não passou de pilheira, pois o sr. Ouro Preto é tão pequenino ao pé da República... que o pandego conde d’Eu (oh! entrudo de gosto!) não se esqueceu de fazer a sua fé de officio, introduzindo-a n’uma garrafa, que foi tragada por um tubarão, no porto de São Luiz... Seis mil e quinhentos contos! E’ o bolo em que váe se metter o nosso commercio, coitadinho! que já estava sendo atacado de influenza... do dinheiro, que é por quem esta sua creada se dá ao trabalho de aparar lapis uma semana inteira. (REVISTA A SEMANA, 03/03/1890, p. 4-5).

Martine Joly mostra que, na relação entre imagem e palavra, uma não é superior a outra, mas elas “revezam-se, interagem, completam-se e esclarecem-se com uma energia revitalizante. Longe de se excluir, as palavras e as imagens nutrem-se e exaltam-se umas às outras” (JOLY, 1996, p. 133). É o que observamos no exemplo acima.

Além de satirizar, as ilustrações também eram usadas para documentar fatos, algo próximo do que o fotojornalismo faria tempos depois. Na edição de 10 de junho de 1889, todas as imagens que apareceram na revista tinham relação com a morte do fundador do jornal *A Província do Pará*, Dr. Joaquim José de Assis. Na capa, há uma ilustração representando Assis. Na legenda, aparece seu nome e uma frase que direciona para a página seguinte, onde há um texto extenso dedicado à Assis. As páginas do meio trazem duas imagens baseadas em fotografia, representando o funeral. Na última página, em lugar das habituais charges satíricas, há uma ilustração que mostra um homem em um cemitério, prestando homenagens diante de um túmulo. Dessa forma, a revista mostra ao leitor a comoção diante do fato, ao mesmo tempo em que reconhece a importância das imagens informar e referir-se à realidade.



Fonte: Museu da UFPA, Coleção Vicente Salles

O texto da revista aparecia em duas colunas, divididas por um fio. Não havia padrão para o tamanho das fontes, que variavam a cada edição e até mesmo nos próprios textos. Talvez porque não fosse possível aumentar ou diminuir o número de páginas, algumas informações tinham que ser “condensadas” ou “estendidas”. Para fazer caber nas páginas do artigo em homenagem a Dr. Assis, por exemplo, optou-se por diminuir o espaçamento entre os parágrafos e o tamanho da fonte.

Embora a revista não adotasse um padrão único,

a variedade de soluções empregadas desmente por completo a suposição ignorante de que não existia preocupação com planejamento, diagramação e disposição visual [...]. Ao contrário, os primeiros cento e tantos anos da história dos impressos brasileiros representam um rico universo de invenção gráfica, do qual despontam recursos surpreendentes, linguagens vibrantes e, até mesmo, alguns poucos projetistas cuja contribuição autoral merece o reconhecimento tardio” (CARDOSO, 2009, p. 74)

As imagens que ocupavam as páginas do meio geralmente apareciam no sentido horizontal, mas há edições em que observamos ilustrações de dupla página, podendo ser

tanto em sentido vertical como em horizontal. É o caso da edição de 07 de abril de 1890⁶, que traz uma ilustração em sentido vertical representando o desabamento do teto do Theatro da Paz. Além da legenda, não há nesse volume nenhum texto complementar que fale sob tal fato.

Por ser uma publicação semanal, sintetizando os acontecimentos desse período, é possível que a revista se eximisse da tarefa de explicar as imagens, com o pressuposto de que o público já tivesse conhecimento sobre os fatos e as pessoas que elas mostravam. Observações exploratórias em outras revistas do mesmo período e de outros lugares também indicava uma configuração semelhante.

Sobre a força da imagem, Jacques Aumont fala sobre o modo como o espectador percebe e reconhece a imagem:

Ao fazer intervir seu saber prévio, o espectador da imagem supre, portanto, o não representado, as lacunas da representação. Essa complementação se dá em todos os níveis, do mais elementar ao mais complexo, [...] uma imagem nunca pode representar *tudo*. (AUMONT, 2012, p. 87)

Devemos lembrar que esses periódicos circulavam em um público restrito, que possivelmente também tinha acesso aos jornais diários, cujo preço era menor que o das revistas: em média, o exemplar avulso era vendido a 70 réis na década de 1881 (BRIGIDA, SEIXAS, 2012, p.4). Rafael Cardoso diz que as revistas, em sua maioria, eram “produzidas para as camadas mais instruídas – as chamadas elites urbanas – por um grupo estrito de autores, artistas e diretores, quase todos conhecidos entre si”. (CARDOSO, 2009, p.79)

Considerações Finais

As revistas ilustradas tiveram papel significativo no “desenvolvimento de uma cultura da imagem em nossa sociedade” (LUSTOSA, 2009, p.55). Numa época em que as técnicas de impressão eram precárias, a publicação de imagens era limitada, mas, como pudemos observar nas edições de *A Semana Illustrada e A Semana*, a imprensa não deixava de explorar, na medida do possível, o potencial imagético. Em relação a

⁶ Outros volumes em que apresenta ilustração de dupla página são: 7 do ano I, 19 ano I, e 2 do ano III – sentido vertical; 14 do ano I, 10, 15, 16 e 23 do ano II – sentido horizontal

outras revistas de Belém, as ilustrações eram o grande diferencial dos periódicos que analisamos, os quais se aproximavam das publicações nacionais.

Procuramos analisar a configuração gráfica e de conteúdo d'A *Semana Ilustrada* de forma exploratória e mais descritiva, neste primeiro momento. Uma análise mais sucinta não só dos conteúdos da revista, mas também de sua relação com o cotidiano e a cultura local são necessárias para melhor compreensão do seu papel, em vista dos anos de 1887 até 1890 (os anos de publicação da revista) terem sido época de mudanças relevantes no Brasil e no Pará.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Processos de reprodução e impressão no Brasil, 1808-1930. In: CARDOSO, Rafael (Org.). **Impresso no Brasil, 1808-1930**: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009, p.45-65.

AUMONT, Jacques. A parte do espectador. In:_____. **A imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 2012, p.77-137.

BARBOSA, Marialva. Os jornais e o mundo dos escravos. In:_____. **História cultural da imprensa**: Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p.79-115.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

BRIGIDA, Jessé Andrade Santa; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Os jornais paraenses nas décadas das mudanças. In: **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2012, Fortaleza. Programação do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012.

CARDOSO, Rafael. Origens do projeto gráfico no Brasil. In: CARDOSO, Rafael (Org.). **Impresso no Brasil, 1808-1930**: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009, p.67-85.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996, 152 p.

LUSTOSA, Isabel. Imprensa e impressos brasileiros: do surgimento à modernidade. In: CARDOSO, Rafael (Org.). **Impresso no Brasil, 1808-1930**: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009, p.29-43.

MARTINS, Ana Luiza. Desenho, letra e humor: estereótipos na caricatura do império. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). **Imprensa, humor e caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p.519-534.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. O uso da imagem na mídia impressa em Belém: percurso e configuração. In: PEREIRA, Ariane et al. (Org.). **Fatos do passado na mídia do presente**: rastros históricos e restos memoráveis. São Paulo: Intercom E-livros, 2012, p. 279-306.

_____. A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet. Projeto de pesquisa em andamento. Belém: UFPA, 2016.

SILVA, Camille Nascimento; CÔRREA, Paula Julieth; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Percurso da mídia impressa de Belém: entre jornais e revistas do século XIX. In: **II Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia**, 2012, Belém. Programação do II Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia. Belém: Alcar, 2012.